

# Rolf Lochner acha medida necessária

São Paulo — Apesar de assustados com o cenário futuro, os investidores estrangeiros reconhecem a necessidade de o país suspender temporariamente a remessa de dinheiro ao exterior.

— A moratória técnica não é nada agradável, mas parece que o Brasil precisa de um tempo de folga para arrumar a casa — observou o presidente da seção paulista da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, empresário Rolf Lochner, também presidente da Bayer do Brasil.

Teoricamente porta-voz de quase 800 empresas instaladas no país — responsáveis pelo ingresso de 2 bilhões 600 milhões de dólares em dinheiro novo e por outros 1 bilhão 180 milhões de dólares em reinvestimentos apenas no ano passado — Lochner deixou claro que os comandantes da nau econômica cometeram graves deslizes nos últimos meses, ao adotarem uma política voltada mais para o social — o aumento do poder aquisitivo — do que para o ataque das mazelas essencialmente econômicas, como a dívida interna e os gastos públicos.

— A política econômica adotada até agora foi inconsequente. Não se pode gastar de um lado sem ter a possibilidade de entrada de dinheiro equivalente a seus gastos. A moratória foi consequência dessa política — disse.

O presidente da Bayer — que exibiu, no ano passado, um faturamento da ordem de Cz\$ 7 bilhões e um lucro de Cz\$ 590 milhões antes do Imposto de Renda — não pensa, por enquanto, em alterar seu cronograma de investimentos.

— O clima é de espera. Os investimentos que estão correndo vão prosseguir, mas ninguém vai se lançar a qualquer projeto nesse momento — observou.

Sua maior preocupação está voltada para possíveis dificuldades nas importações, principalmente em decorrência da centralização do câmbio. Afinal, os fornecedores internacionais irão procurar obter maiores garantias, como certas cartas de créditos e seguros dos governos dos países de origem.

Se houver qualquer interrupção no fornecimento de bens importados, especialmente das matérias-primas sem similar nacional, Lochner teme que o país ingresse em uma fase de falta de produtos.

— Essas dificuldades todas serão contornadas se o governo brasileiro apresentar um programa econômico aceitável para a comunidade internacional — insistiu.

A seu ver, os bancos internacionais estarão dispostos inclusive a discutir abertamente sobre novos empréstimos.

— Ninguém está interessado em um colapso brasileiro — ressaltou.

Ele, juntamente com seus parceiros da Câmara Americana que, há duas semanas, alertaram para o risco de retalições.